



Breve estudo da marca *mesmo* no enfoque da teoria das operações enunciativas

Guilherme Lopes Duarte Oliveira * 

Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)
Editora Responsável

Anderson Almeida da Silva (UFPE)
Editor de Seção – Linguística

Recebido em 20/03/2026.
Aprovado em 19/06/2026.

Como citar:
OLIVEIRA, Guilherme Lopes Duarte. Breve
estudo da marca *mesmo* no enfoque da teoria das
operações enunciativas. *Revista Investigações*,
Recife, v. 39, n. 2, e267212, 2026. DOI:
<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.267212>

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar a construção de sentido da marca "mesmo" no Português Brasileiro (PB) sob a perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas (TOE), de Antoine Culioli. A metodologia adotada emprega a manipulação de enunciados, glosas e paráfrases, visando os mecanismos que geram o sentido de "mesmo". O foco reside em identificar a operação de localização e identificação/coincidência que a marca realiza no enunciado. Os resultados da análise demonstram que a aparente diversidade de *mesmo* (que atua como reforço, intensificador, marcador concessivo, operador temporal ou restritivo) é gerada por uma única operação de modalização, caracterizada pela coincidência em relação a um ponto de referência dentro de um Domínio Nocional.

Palavras-chave: Funcionamento. TOPE. Significação. Análise.

* Universidade Federal do Piauí. Mestre em Letras e graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela UFPI. E-mail: guilhermelopesdua@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Pensar sobre os elementos ou marcas linguísticas que os falantes naturais do Português Brasileiro (PB) utilizam como representações de suas ideias não é meramente descrever os fatos dessa língua, mas entender e compreender o próprio funcionamento dessa marca linguística. É observar os processos que circundam a presença dessa marca nos enunciados e as possíveis relações que ela estabelece com os outros elementos. Tradicionalmente, os estudos voltados à compreensão dos sentidos das unidades lexicais estão centrados nos campos semânticos, de modo que visam estabelecer redes de relações semântico-lexicais entre as unidades da língua, mas o foco dos estudos gramaticais limita-se à mera classificação dessas unidades, sem levar em conta a prerrogativa de se considerar a inserção de um Sujeito no sistema linguístico, o que corrobora um foco em um enunciado pronto/estabilizado e não leva em conta as relações que envolvem os enunciados e os elementos, nem a relação desse enunciado em um contexto de enunciação até chegar à sua estabilização de sentido.

Para demonstrar o que foi explicitado acima, tomamos como escolha a marca *mesmo*. Tal escolha é justificada por este trabalho ser fruto de discussões na disciplina de Linguagem e Enunciação a nível de pós-graduação e por um artigo de autoria de Antoine Culioli a respeito da marca *même* em francês.

Na mesma linha de Tamba (2006, p. 51), acreditamos que os sentidos das unidades lexicais apresentadas pelos dicionários são meramente locais e provisórios, e os falantes tendem, por percepção intuitiva, a interpretar um dado como inerente porque este “só é acessível mediante a materialidade fônica ou gráfica das expressões”. Dessa maneira, uma unidade lexical, gramatical ou discursiva só se define pela função que adquire nas interações em que participa, ou seja, adquire sentido quando é contextualizada em seu funcionamento. As interações fazem parte dos mecanismos que colocam em jogo uma articulação entre significação e contextualização, em que o

contexto se inscreve em relação a uma unidade linguística; isso faz com que uma unidade da língua só adquira sentido quando engendrada em uma situação contextual. Assim, essa situação está em uma relação com a sequência contextualizada, de forma que essa abordagem nos conduza a uma análise do sentido em construção. Franckel (2019) afirma que não se trata de partir do produto pronto (da interpretação de um enunciado) para redistribuir os sentidos aos diferentes componentes do enunciado, mas trata-se de partir de potenciais vinculados a encadeamentos das palavras, de olhar para elas como determinando uma espécie de trajeto dinâmico. Dessa forma, cada sequência determina tipos de contextualizações diferentes.

Com base nessa introdução, apresentaremos a seguir um breve panorama dos pressupostos da Teoria das Operações Enunciativas (TOE), com as quais pretendemos mobilizar as análises deste trabalho. O recorte que apresentamos trata-se de conceitos e ideias gerais da teoria; selecionamos os que consideramos mais pertinentes para o entendimento geral do nosso objetivo. Apresentaremos a TOE como uma abordagem construtivista, fundamental para a análise da linguagem. Essa perspectiva nos permite investigar a construção da significação – evidenciando que o sentido não é um produto pré-determinado, mas sim o resultado de uma construção – evitando, assim, a limitação de olhar apenas para o produto final da língua.

Este trabalho está organizado nos seguintes tópicos: após esta seção introdutória e a apresentação do quadro teórico geral da TOE, dedicaremos um tópico à abordagem lexicográfica, examinando como os dicionários tradicionais tratam a função e o sentido da marca *mesmo*. Subsequentemente, apresentaremos o estudo da marca francesa *même*, que servirá como base metalinguística para nossa metodologia. Por fim, detalharemos os procedimentos analíticos e procederemos às análises dos enunciados.

O CONSTRUTIVISMO E O QUADRO GERAL DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS: ALGUMAS IDEIAS

A TOE apresenta a linguagem dentro de uma visão construtivista porque, para essa linha investigativa, nada existe na linguagem que não esteja ligado às marcas da língua, as quais são agenciadas por um Sujeito Enunciador. A abordagem construtivista postula que a linguagem não se trata de uma tradução do nosso pensamento, mas sim de uma forma de pensamento com certas propriedades específicas. Portanto, não há como atribuir sentido a uma determinada palavra sem olhar o funcionamento das unidades lexicais no enunciado; logo, pode-se afirmar que o sentido não é exterior à língua, mas constitutivo dela.

Por isso, pelo fato de não haver um sentido fora da relação enunciativa, uma determinada unidade lexical (como a que nos propomos a analisar) só adquire um sentido quando for materializado na atividade de linguagem e dentro de uma situação contextual com um cotexto propício. Para Franckel (2011), o cotexto¹ refere-se a palavras individuais ou sequências de palavras que influenciam diretamente o significado da unidade lexical em discussão. Existe uma relação de interdependência entre a unidade lexical e as palavras ao seu redor no enunciado, o que significa que o cotexto em que uma unidade está inserida pode levar a variações de significado. No que se refere ao contexto², ele consiste em uma espécie de filtro criado pela própria unidade lexical, gerado pelo próprio enunciado, ou seja, não se trata de um conjunto de informações externas à sequência de palavras em questão.

De Vogué (2011) defende que a linguagem não pode ter como fundamento principal a ideia de que seja expressão, pois, na visão da autora, a linguagem é uma atividade de construção e reconhecimento de sentido. Assim, essa visão se opõe a qualquer caracterização fundamentada na ideia de que uma categoria linguística tem o sentido pré-estabelecido. Portanto, o

¹ Entende-se por cotexto o ambiente textual em que uma dada ocorrência se encontra, envolvendo também a construção sintática em que se insere. Ou seja, refere-se às unidades que circundam a unidade lexical ou morfo-lexical em questão (Lima, 2019).

² O contexto ultrapassa os limites do enunciado e tem relação com a situação em que o enunciado se insere, proporcionando sua interpretação (Lima, 2019).

que buscamos é o sentido construído nos enunciados a partir da observação do cotexto e em função de um contexto comunicativo.

A problemática chega agora a Culioli, precursor de uma Teoria Enunciativa, que concebe em seus estudos um foco no enunciado. Como afirma Franckel (2011, p. 44), o enunciado não é considerado como resultado de um ato individual de linguagem, mas entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados como encadeamento de operações do qual é vestígio. Os enunciados, na visão Culioliana, são arranjos de formas que não remetem a valores, mas sim a operações de um valor referencial. De Vogué (1999), em seu artigo intitulado “*Construction d'une valeur référentielle: entités, qualités, figures*”, discute o conceito de valor de referência em linguística, focando especificamente na forma como é construído através da linguagem. A autora enfatiza que o valor de referência não é uma propriedade inerente, mas é construído pelo enunciado e existe apenas através do contexto linguístico fornecido por ele. Esses enunciados possuem dupla referência: referem-se tanto às entidades que descrevem quanto à forma como os descrevem. Isso significa que a forma do enunciado influencia o seu valor referencial.

Para Culioli (1990), a atividade de linguagem constitui-se como capacidade de Representação, Referenciação e Regulação. Dentre os níveis de representação citados, destaca-se o nível da representação mental, onde se situa a ideia de noção. Culioli (1990) afirma que a noção é vista como um conjunto (feixe) de propriedades cognitivas que aprendemos através da atividade enunciativa. O autor não confere à noção um estatuto de linguístico propriamente dito, mas apresenta-a como uma entidade híbrida, entre o mundo e as representações físico-culturais, por um lado, e a língua, por outro (Franckel; De Vogué; Paillard, p. 92). As noções possuem um certo grau de estabilidade, pois sem ele não haveria comunicação; são relações dinâmicas que variam de acordo com cada indivíduo e com cada situação. O Domínio nocional é o domínio de ocorrências de uma noção. Aqui, o ponto central dessa explanação é o que Culioli chama de “teoria dos observáveis”, a qual pode ser entendida como o interesse dos linguistas em buscar significados,

multiplicar os exemplos, as glosas e os enunciados impossíveis (Culioli, 2002).

DEFINIÇÃO DA UNIDADE LEXICAL *MESMO*

Michaelis elenca as seguintes definições para *mesmo*:

Adj; não outro; o próprio; que é outra coisa citada, e não outra. Que é muito parecido, que tem a mesma procedência.

SM; a mesma coisa; aquilo que não é importante ou é indiferente.

Adv; exatamente ou justamente, ainda, também.

Podemos notar que o dicionário Michaelis, que tem origem no século XIX, oferece ao leitor não apenas o significado da marca, mas a função que a unidade lexical pode ter a depender do uso. Observamos que o dicionário elenca que *mesmo* pode exercer função de adjetivo, substantivo e advérbio; a crítica que direcionamos é que o tratamento lexicográfico tradicional oferece uma lista de resultados a respeito da marca, e, se levarmos em conta a totalidade da língua portuguesa e sua pluralidade de sentidos, seria inegável que o dicionário se torna estruturalmente incapaz de atribuir todos os sentidos que a marca *mesmo* pode apresentar. Para a TOE, o sentido de uma unidade da língua é visto por meio de um efeito contextual gerado pela interação do seu invariante com o domínio nocional e a situação de enunciação.

No dicionário Houaiss, que levou pouco mais de quinze anos para ser elaborado, apresenta a definição da marca *mesmo* como:

Mesmo: adj. 1. de igual identidade; não outro. 2. que é exatamente igual a outro ou outros em forma, cor e/ou conteúdo; idêntico. 3. que pouco difere em qualidade e características; semelhante. 4. de igual origem. 5. que se representa verdadeiramente em pessoa, próprio. 5.1. reflexivo de uma pessoa do discurso; próprio. 6. que acabou de ser enunciado, referido, citado etc. 7. como reforço contextual, e de intenção, à referência feita pelo nome ou pronome antecedente. Pron. 8. com função substantiva. 8.1. o indivíduo; a pessoa; ele, aquele. S.m. 9. coisa semelhante

.9.1. o que mantém suas características essenciais. 10. função de alternativas. 10.1. entre ações; tudo igual. 10.2. entre coisas; todo igual. 11. expressa a possibilidade de uma comparação de igualdade (ger. antecedido de artigo e seguido de que ou do que); igual a, como. Adv. 12. como vocábulo cujo papel vai além das relações sintático-semânticas contidas na oração, de nota: 12.1. uma espécie de limite; até, também. 12.2. inclusão; inclusive; também. 12.3. tempo enfático seguindo-se a agora, hoje, ontem etc.; nesse exato instante; exatamente. 13. dentro da oração, de nota: 13.1. de fato, de verdade; realmente. 13.1.1. podendo associar-se à noção de dúvida. 13.2. com justeza, precisão; justamente, precisamente. * cf. conjunção concessiva. dar no m. ser igual; dar na m. GRAM a) as acp.1,2,3,4 e 5 são anafóricas.b) nas acp.10.1. e 10.2 mesmo é invariável (embora não integre a classe dos advérbios na MGD), participa de um grupo heterogêneo, denominado denotadores, cuja função é mais propriamente pessoal. c) informalmente, mesmo adquire valor concessivo (freq. seguido de com, assim, que, com nas locuções anteriormente apresentadas); tem substituído a conjunção concessiva: mesmo estudando muito, terá de fazer aperfeiçoamento após a graduação (Houaiss, 2001, p. 1903).

Vemos que *mesmo* aparece definido como adjetivo, pronome, advérbio, conjunção concessiva e às vezes como elemento detonador e dêitico. Diferente do dicionário Michaelis, o Houaiss apresenta a marca *mesmo* como conjunção concessiva e como reforço ou como um equivalente do advérbio, ou seja, um elemento dêitico.

O dicionário Michaelis, por ser mais conciso e focado em categorizar, ilustra bem a dificuldade da taxonomia. Há uma fixação da unidade *mesmo* em “predefinições”, tornando incapaz de capturar a totalidade de sentidos. No Houaiss, com suas acepções e subdivisões, além de notas gramaticais, reflete-se um alcance maior no mapeamento da diversidade de sentidos da unidade *mesmo*. As notas sobre “denotadores” e “valor concessivo” demonstram um reconhecimento de que *mesmo* vai além das funções sintáticas tradicionais, atuando como um marcador discursivo. Essa lista de acepções, embora seja importante reconhecer que os sentidos registrados no dicionário derivam da natureza dos usos da unidade analisada, nada mais é do que um catálogo de efeitos de sentido já realizados em contextos específicos.

Assim sendo, partimos da hipótese de que toda relação de sentido da própria unidade lexical é construída localmente no enunciado. O quadro teórico adotado é a Teoria das Operações Enunciativas (TOE), que nos permite selecionar determinados recursos teóricos em detrimento de outros

e rejeitar a ideia de que o sentido de uma unidade seja a soma de seus usos ou uma lista de acepções. Para essa teoria, existe um invariante - uma representação mental subjacente e abstrata - que, ao interagir com o contexto e a situação de uso, gera o sentido.

Apresentaremos, no tópico subsequente, a análise da marca francesa *même* (correspondente ao português *mesmo*), explorada por Antoine Culioli em "*À propos de même*". Esta discussão não servirá apenas como referência, mas sim como dimensão metodológica que permitirá a investigação da marca *mesmo* no Português Brasileiro. Utilizaremos o mesmo olhar de *même* para fundamentar a abordagem da TOE, focando na busca por uma invariante de Identidade, demonstrando que a significação reside na busca pela significação e não na taxonomia estática. O estudo de *même* servirá, portanto, como uma ferramenta metalinguística para identificar os mecanismos que geram as diversas significações de *mesmo* nos enunciados em PB.

A MARCA *MÊME* EM FRANCÊS POR ANTOINE CULIOLI

Culioli em seu artigo "*À propos de même*" explora os diversos usos e implicações da palavra *même* (que em português entendemos como *mesmo*) na língua francesa. No artigo, Culioli investiga como *même* funciona retoricamente dentro dos enunciados. O autor destaca que o uso de *même* pode introduzir uma noção de adição ou ênfase, alterando significativamente o significado da asserção. Por exemplo, pode sugerir uma compreensão mais profunda ou reconhecimento de uma situação além da superfície. Culioli apresenta uma estrutura de Forma Esquemática que serve como uma ferramenta metalinguística para analisar as variações de significado associado a *même*. Como mostramos no tópico anterior, essa estrutura ajuda a entender como a palavra pode mudar de valor dependendo do seu uso dentro

de um contexto de enunciação. Outro ponto discutido é como *même* é usado para marcar identificação e localização no discurso. O autor enfatiza que o artigo definido estabiliza ocorrências, enquanto *même* adiciona camadas de significação ao sugerir uma outra identificação ou qualificação do sujeito em discussão.

O autor traz exemplos para ilustrar como a palavra *même* opera na língua francesa e como ela pode alterar o sentido das frases. Ele menciona que na frase “*C'est cher, très cher même*” (É caro, muito caro mesmo) *même* pode ser usado para intensificar uma característica ou valor, sugerindo que a qualidade mencionada é ainda mais pronunciada do que o esperado. Isso mostra que *même* adiciona uma camada de significado que reforça a ideia anterior. Culioli também discute o uso de *même* em contextos temporais, como em “*le jour même de mon départ*” (o mesmo dia em que sai/ O mesmo dia da minha partida). Este exemplo ilustra como a marca pode ser utilizada para localizar um evento de forma mais precisa em relação a um marco temporal, enfatizando a noção imediata do evento em questão. Culioli menciona que a marca também pode ser usada para contrastar diferentes situações, como em “*même le dimanche*” (até no domingo/mesmo no domingo), que indica que a ação ocorre em um dia normalmente associado ao descanso, desafiando uma expectativa comum.

Culioli conclui que *même* serve para adicionar uma camada de significado, intensificando a ideia que precede sua utilização. Ele mostra como a unidade lexical pode indicar uma gradação ou comparação, sugerindo que a qualidade mencionada é ainda mais significativa do que se espera. Em última análise, Culioli sugere que seu olhar sobre *même* não apenas contribui para a compreensão dessa palavra específica, mas também oferece subsídios sobre a estrutura e a dinâmica da linguagem em geral. Ele propõe que a análise metalinguística pode servir como uma base para raciocínios mais amplos sobre o valor das palavras na língua.

Esta explicação sobre o estudo de *même* nos servirá como um modelo de aplicação no olhar para a unidade *mesmo*. A artigo de Culioli traz os

pressupostos abstratos da TOE, como a noção de invariante em ferramentas analíticas concretas. Ao detalhar o funcionamento de *même* no francês, o texto demonstra como os conceitos de Invariante, Identificação, Localização atuam na construção de sentido de um marcador específico.

METODOLOGIA

A metodologia que permeia este trabalho é o quadro teórico da TOPE. Para tanto, propomos nestas análises a realização de glosas e paráfrases que, para Culioli (1990), significa operar fora das nossas intenções subjetivas e verificar o processo de construção de sentidos desencadeados pelo enunciado. O nosso trabalho, enquanto analista da língua, é, como traz Rezende (2018), se apropriar dos espaços enunciativos e, sustentados pelos pressupostos teóricos, estudar os ajustamentos. Com isso, para observar o funcionamento e o sentido da marca *mesmo*, construiremos, a partir do nosso trabalho linguista, cinco enunciados com a marca *mesmo* e, a partir disso, modificaremos os enunciados para observar a pluralidade de sentido que a marca possui. A compreensão do funcionamento se fará por meio da manipulação das ocorrências de *mesmo* e essa metodologia é justificada por querermos observar o funcionamento das relações a partir da substituição da posição de *mesmo* e da ausência dele. O que apontamos de imediato, e que vai subsidiar as nossas análises, é ideia de noção, ou seja, como a ideia de noção X de algum elemento da língua conduz para a significação de *mesmo*.

ANÁLISES

1- A falta de consideração vem de quem a gente menos espera *mesmo*.

Nesse enunciado podemos notar que *mesmo* é uma forma de confirmar/reafirmar a ideia da falta de consideração e está ligado diretamente a “Vem de quem a gente menos espera”. Ou seja, o sentido é reforçar a afirmação dita anteriormente. É um marcador enunciativo que confirma algo já posto na esfera do discurso (a ideia de que a falta de consideração vem de quem menos esperamos). Um pré-construto precisam ser delimitados aqui: o de que, em algum momento anterior ao momento da enunciação, alguém diz que a falta de consideração vem de onde menos se espera, assim, destaca-se a contra-expectativa de quem enuncia, pois ele marca que, apesar de existir uma expectativa mínima de que alguém faça isso (a gente menos espera), a realidade ultrapassa essa expectativa com o marcador *mesmo*. Se pensamos na noção de “consideração”, temos a ideia de respeito, de atenção que se tem e se demonstra a alguém. O *mesmo* posicionado ao final do enunciado atua como uma confirmação geral, reforçando a veracidade da afirmação. É como se pensássemos assim: “Sim, isso é realmente assim”. Para reafirmar tal posição, podemos observar o *mesmo* anunciado sem a marca *mesmo*. Veja:

la- A falta de consideração vem de quem a gente menos espera.

Tal asserção não carrega o mesmo valor que em l, já que não há um reforço em relação ao fato, mas apenas uma avaliação sobre. Logo, o enunciado se apresenta com uma constatação mais genérica, sem a modalização que a marca *mesmo* introduz. Agora, vamos olhar para o enunciado com a seguinte glosa:

lb- A falta de consideração vem mesmo de quem a gente menos espera.

Nesse enunciado *mesmo* está posicionado anteriormente a “de quem a gente menos espera”, o que intensifica a ideia de que a origem da falta de consideração é inesperada. O enunciator confirma e reforça essa ideia e a ênfase recai sobre a origem da falta de consideração e a estrutura sintática sugere uma operação de asserção reforçada, ou seja, não é mais uma suspeita, é mesmo dessa pessoa que vem a falta de consideração. Essa focalização é mais direta do que em l, pois *mesmo* está mais próximo (sintaticamente) do elemento que modifica (a origem esperada).

De maneira geral, temos em la *mesmo* intensificando a contradição da expectativa e o enunciador destaca a quebra de expectativa e em lb a confirmação da fonte da ação como uma origem inesperada com o enunciador asseverando o fato (é *mesmo* dessa pessoa). A exemplo comparativo, podemos ter duas situações seguintes:

Ele fez mesmo o trabalho sozinho

Ele fez o trabalho sozinho mesmo

Temos no primeiro a confirmação de que a ação foi realizada por ele e no segundo uma ação enfatizando que, apesar de dúvidas ou expectativas contrárias, ele fez sozinho. Vejamos o exemplo 2.

2- Estou aprendendo a manter meu coração em paz e a confiar mais nas minhas orações. Falei a Deus que *mesmo* que nossas vontades não coincidem, continuarei feliz e grata por tudo, pois ele sabe o que é melhor para mim.

Nesse enunciado podemos notar que há uma concessão, ou seja, uma situação em que há um contraste entre duas vontades: A do Enunciador e a de Deus. O Pré-Construto desta situação de enunciação está ancorado na crença de que uma relação ideal com o divino pressupõe a coincidência da vontade humana e da vontade divina, sendo esta a condição natural para a felicidade e a gratidão. O Sujeito da enunciação almeja, portanto, um estado de paz e gratidão que seria o resultado direto da conformidade de suas vontades com as de Deus.

Ocorre, no entanto, a introdução de um Obstáculo que quebra este encadeamento causal ideal. O enunciador 2 formula a possibilidade da Não-Coincidência das vontades (*nossas vontades não coincidem*), que é o ponto extremo que logicamente impediria o estado de felicidade e gratidão. O uso da locução *mesmo que* manifesta uma Operação Enunciativa de Concessão, cujo Invariante é o Limite Inclusivo. Este operador atua para situar a asserção principal, *continuirei feliz e grata*, em um domínio de validade que inclui o obstáculo.

O enunciador 2, ao estabelecer esse obstáculo (a divergência de vontades), modaliza sua asserção. Ele não nega a possibilidade do limite, mas sim afirma que o estado (Felicidade e Gratidão) tem uma força tal que não é

anulado pela situação extrema de T1 (a não-coincidência). Isso se expressa pela conclusão (*continuarei feliz e grata*), que concorre com a ação inesperada (Tristeza/Revolta) que se esperaria da quebra da vontade. O Domínio Nocional da noção vontade (envolvendo a do sujeito e a divina) reforça essa operação.

Para observarmos melhor isso, vejamos o enunciado sem a marca *mesmo*.

2a- Estou aprendendo a manter meu coração em paz e a confiar mais nas minhas orações. Falei a Deus que nossas vontades não coincidem, continuarei feliz e grata por tudo, pois ele sabe o que é melhor para mim.

Sem a marca *mesmo*, o enunciado perde o marcador de concessão/contraste. As ideias de que as vontades não coincidem é apresentada de forma mais neutra, sem enfatizar a superação. Logo, o enunciado se torna mais descritivo e menos marcado, carregando um valor mais modal. Vejamos agora o enunciado 3.

3-Neste *mesmo* dia, há 3 anos, o mundo assistia ao filme Rua do Medo: 1994 pela primeira vez.

Nesse enunciado, *mesmo* é um operador de ancoragem temporal, onde vincula o dia mencionado ao momento da enunciação T0 e presente momento do enunciado T1. O Pré-Construto desta situação de enunciação reside na natureza da contagem do tempo, onde a passagem dos anos implica, por definição, que o dia de hoje é distinto de um dia ocorrido há três anos, apesar da coincidência de data e mês. O uso de *mesmo* contextualiza temporalmente a ação vinculando-a a um dia específico. Ou seja, há um efeito enfático por parte do enunciador, chamando atenção para a coincidência temporal e sugerindo que o dia tem um valor especial. O dia referido é estabilizado como um ponto específico no tempo, isso por conta da marca *mesmo*, logo, *mesmo* quebra o encadeamento simples de distinção temporal e impõe uma relevância à coincidência da data. É uma atestação que elimina qualquer ambiguidade, reforçando que o evento (a estreia do filme) está ligado a esta exata unidade de tempo. Se pensarmos na noção de “dia” como unidade de tempo e data, *mesmo* vai atuar como localizador de identidade reforçada, fazendo com que a diferença de ano seja marginalizada, e a ocorrência

temporal passada seja trazida para o ponto de máxima proximidade e identidade com o ponto de enunciação atual. O efeito de sentido gerado é a ênfase na efeméride e na precisão temporal, conferindo ao enunciado um valor de lembrança pontual e exata.

Vejamos o enunciado sem a marca *mesmo*.

3a- Neste dia, há 3 anos, o mundo assistia ao filme Rua do Medo: 1994 pela primeira vez.

Podemos notar que T0 e T1 são tempos distintos nesse enunciado, e, pela ausência da marca *mesmo* não há um valor enfático sobre o enunciado. Sem o *mesmo*, o enunciado perde parte de sua força de coincidência exata. O marcador contribuía para um espelhamento temporal, que poderia evocar um reconhecimento de um marco histórico. Sem ela, o enunciado se torna mais factual e carrega menos subjetividade. Podemos notar que a marca *mesmo* atua como um operador sobre uma outra unidade lexical e a depender da posição, muda completamente o sentido. Vejamos o seguinte enunciado

3b- Neste dia, há 3 anos, o mundo assistia ao mesmo filme Rua do Medo: 1994 pela primeira vez.

Notamos que o marcador *mesmo* atua não mais sobre dia, mas sobre filme. Agora, funciona como um operador que identifica o filme como algo já conhecido ou referenciado anteriormente. Isso sugere que o filme já foi mencionado na esfera discursiva e é parte de um contexto compartilhado pelo enunciador e co-enunciador. Imaginemos que X chegue na casa de Y e veja o filme passando na TV e diga: “Neste dia... o mundo assistia ao mesmo filme...”. Aqui, a contextualização explica o valor de *mesmo*, servindo para enfatizar que se trata do filme que passa na TV. Vamos para outro exemplo.

4- Eu quero ser o melhor para mim *mesmo*.

Neste enunciado temos o SE se instaurando no centro da referência (Eu quero). Essa operação enfatiza um ato de responsabilização e desejo do sujeito que fala, pois ele quem assume essa autoria e projeta uma meta para si, ser o melhor. O pré-construto desta situação de enunciação é a avaliação do "melhor" em um contexto social. Normalmente, o "melhor" é avaliado em comparação com os outros (*melhor para os pais, melhor para o mercado, melhor que*

os colegas). O Sujeito Enunciador intervém nessa expectativa ao utilizar o *mesmo* para impor uma operação de restrição a si mesmo. O *mesmo*, neste enunciado, opera como um intensificador dessa identidade, marcando uma relação consigo mesmo e o SE se torna o próprio parâmetro de avaliação. Em síntese, *mesmo* opera como um marcador que estabelece uma relação de identidade consigo mesmo, fechando essa relação ou centralizando ela em torno do “eu”. O “mim” já marca essa centralidade do SE, mas o *mesmo* intensifica a coincidência entre o agente e o destinatário da ação. Ser o melhor para ele, não para outro, para uma instância específica: o eu. Para esclarecer e observar melhor o funcionamento de *mesmo*, tomemos o seguinte enunciado:

4a – Eu quero ser o melhor para mim.

Sem *mesmo* notamos que o enunciado mantém a autorreferência para o SE, mas não explicita a relação entre o sujeito e o destinatário da ação. O mim pode ser interpretado como o agente que recebe a ação, mas o mim *mesmo* reforça algo que é indissociável do “eu”. Sem *mesmo* a relação “eu” que deseja e o “eu” que recebe o benefício fica menos clara. Digamos que há uma dissociação entre o SE e o sujeito do enunciado, criando uma zona de indeterminação. Sem a marca o enunciado perde profundidade e força modal, que é marcada pelo *mesmo* e o SE se apresenta no enunciado, se marca no enunciado por meio do *mesmo*.

5- Marília tem o mesmo tom de voz do irmão.

Temos, neste enunciado, uma relação de comparação entre duas vozes diferentes e a marca *mesmo* (aqui exercendo a função de adjetivo) serve para trazer uma ideia de igualdade/semelhança entre as duas vozes, a de Marília e do seu irmão. O pré-construto desta situação de enunciação é a premissa de que cada indivíduo possui um traço vocal único. A ação esperada é que, na comparação, o tom de voz de Marília seja, no máximo, *semelhante* ou *parecido* ao de seu irmão. Temos, então, uma validação do sujeito que enuncia ao comparar as duas vozes, logo, temos “tom de voz de Marília” e “tom de voz do irmão” e a unidade lexical *mesmo* atua para posicionar essas duas ocorrências em um ponto de coincidência ou equivalência da noção de voz. Podemos

apreender que o uso de *mesmo* pelo sujeito enunciador é uma forma de estabilizar a confirmação de que o tom da voz é a mesma para ambos.

Vejamos o enunciado sem a marca *mesmo*.

5a- Marília tem o tom de voz do irmão.

Neste enunciado, temos a ausência da marca *mesmo*, porém, o sentido de igualdade entre “voz de Marília” e “voz do irmão” se mantém, mas não há uma força de uma identidade ou validação que a marca *mesmo* introduz. O enunciado ainda estabelece uma relação entre as duas relações, mas diferentemente do enunciado com *mesmo*, aqui não há uma operação de igualdade marcada, eles têm o tom de voz parecido, mas não necessariamente o mesmo no sentido de idêntico em suas propriedades. Em síntese, a ausência de *mesmo* faz com que o enunciado expresse uma similaridade em termos de observação, enquanto com a presença de *mesmo* eleva essa similaridade a uma identidade ou equivalência validada pelo sujeito enunciador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de análise realizado, contrastando as definições estáticas dos dicionários Michaelis e Houaiss com a análise dinâmica dos enunciados ("*mesmo*" como reforço, identidade, concessão e restrição), demonstrou um outro olhar para as unidades da língua. A lexicografia, por sua própria natureza, tende a oferecer uma série de sentidos já realizados. Conforme observamos, mesmo o Dicionário Houaiss, mais moderno e detalhado, fornece uma lista extensa de acepções (Adj., Adv., S.m., denotador), que são, na verdade, uma taxonomia de resultados e não uma descrição do mecanismo gerador de sentido. É neste ponto que a TOE de Antoine Culioli oferece um outro olhar epistemológico. A TOE não se preocupa em atribuir um sentido fixo e primário para a unidade lexical (o que seria uma tarefa fadada ao

fracasso diante da polissemia). Em vez disso, ela se concentra na dinâmica da língua em ato.

O foco da teoria está em identificar o Invariante – um núcleo abstrato, subjacente e potencial (no caso de *mesmo*, a noção de Identidade/Coincidência) – e o modo como esse invariante é ativado. A significação, para Culioli (1990), não é uma propriedade inerente da palavra, mas o resultado de Operações Enunciativas realizadas pelo Sujeito que visam localizar o Invariante em um Domínio Nocional (o espaço de referentes possíveis, como (Dia, Vontade etc.) e delimitar esse domínio, gerando os sentidos específico em cada enunciado. O valor dos dados (os enunciados) para a TOE não reside no que eles são (um adjetivo, um advérbio), mas no que eles fazem em termos de operação. As análises demonstraram que a significação é um processo dinâmico que se atualiza na interação entre a potencialidade da marca e a situação discursiva. A TOE oferece, portanto, um quadro teórico que permite ver as significações nos enunciados, desvendando a operação que está por trás da aparente diversidade dos usos listados pelos dicionários.

REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. À propos de *même*. *Langue Française*, Paris, n. 133, p. 16-27, fév. 2002. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_2002_num_133_1_1043. Acesso em: 09 jun. 2025.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Acesso em: 9 jun. 2025.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da Língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues->. Acesso em: 9 jun. 2025.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

TAMBA-MECZ, I. **A semântica**. São Paulo: Parábola, 2006. Tradução: Marcos Marciolino. (Coleção “Na ponta da língua”).

VOGÜÉ, S. D. **Construction d’une valeur référentielle** : entités, qualités, figures. Travaux linguistiques du CerLiCO, Rennes, v. 12, p. 77-106, 1999. (La referência, 2).

VOGÜÉ, S. D.; FRANCKEL, J.J; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. Organização: Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo. Tradução: Alessandra Del Ré *et al.* São Paulo: Contexto, 2011.

Brief study of the linguistic marker *mesmo* from the perspective of the Theory of Enunciative Operations

Abstract: This paper aims to investigate the construction of meaning of the linguistic marker "mesmo" in Brazilian Portuguese (BP) from the perspective of the Theory of Enunciative Operations (TOE), by Antoine Culioli. The methodology adopted employs the manipulation of utterances, glosses, and paraphrases, targeting the mechanisms that generate the meaning of "mesmo". The focus lies in identifying the operation of localization and identification/coincidence that the marker performs in the utterance. The results of the analysis demonstrate that the apparent diversity of "mesmo" (which acts as a reinforcement, intensifier, concessive marker, temporal operator, or restrictor) is generated by a single operation of modalization, characterized by coincidence in relation to a point of reference within a Notional Domain.

Keywords: Functioning. TOPE. Signification. Analysis.

Brève étude du marqueur linguistique *mesmo* dans l'approche de la Théorie des Opérations Énonciatives

Résumé : Ce travail a pour objectif d'étudier la construction du sens du marqueur linguistique "mesmo" en Portugais Brésilien (PB) selon la perspective de la Théorie des Opérations Énonciatives (TOE) d'Antoine Culioli. La méthodologie adoptée utilise la manipulation d'énoncés, de gloses et de paraphrases, visant les mécanismes qui génèrent le sens de "mesmo". L'accent est mis sur l'identification de l'opération de localisation et d'identification/coïncidence que le marqueur réalise dans l'énoncé. Les résultats de l'analyse démontrent que la diversité apparente de "mesmo" (qui agit comme renforcement, intensifieur, marqueur concessif, opérateur temporel ou restrictif) est générée par une unique opération de modalisation, caractérisée par la coïncidence par rapport à un point de référence à l'intérieur d'un Domaine Nocial.

Mots-clés : Fonctionnement. TOE. Signification. Analyse.